



BELEZA E SIMPLICIDADE

CONCURSO LITERÁRIO EM CONTOS E CRÔNICAS

Evandro Valentim de Melo
organizador

Beleza e simplicidade:

concurso literário em contos e crônicas

1.^a edição

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP
2019

© dos textos: autores, 2019

Editoração:

João Paulo Hergesel

Supervisão editorial:

Evandro Valentim de Melo

Ilustração de capa:

Pixabay | CC0 License

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M528b Melo, Evandro Valentim de

Beleza e simplicidade: concurso literário em contos e crônicas /
Evandro Valentim de Melo. - Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.
66 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-65-80097-32-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Crônicas. 5. Textos
premiados. I. Título.

2019-1155

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição são reservados à:

Editora Jogo de Palavras

Rua José Jovino da Silva, 290 – Jardim Olidel

Alumínio, SP – CEP: 18125-000 – Brasil

www.jogodepalavras.com | editorajogodepalavras@outlook.com

CONTOS

1.º LUGAR

A benzedeira

Jacque Soumelfe 11

2.º LUGAR

As cores da luz

Cesar Luis Theis 14

3.º LUGAR

Cores que sonham

Edis Henrique da Silva Peres 17

MENÇÕES HONROSAS

Laços de amor

Liz Rabello 20

O vigia

Aline Pascholati 22

A origem da felicidade

Aline Araújo Siqueira 24

A caderneta verde

Márcia de Oliveira Lupia 26

Coisas que cabem no bolso

Gilberto Garcia da Silva 28

A boa notícia do dia

Fernanda Caleffi Barbeta 30

Árvore florida

Evalderiany Honorata de Souza 33

CRÔNICAS

1.º LUGAR

Livros

Viviane Namur Campagna 38

2.º LUGAR

O velhinho que vendia doces

Lauro Schneider 40

3.º LUGAR

Do caos ao refúgio

Isabella dos Santos Mendes 42

MENÇÕES HONROSAS

A categórica do 501

Roberto Klotz 44

Reviravoltas

Carlos José Ferreira Lopes 46

30 minutos

Ivone Gomes de Assis 48

Bobí me salvou

Cláudio David Dangió 51

Chocolate

Rodrigo Ortiz Vinholo 53

Café com leite

Camila Fernandes 56

Atrás da porta

Charlotte Dafol 58

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Flores ao vento

Edweine Loureiro

60

SOBRE OS AUTORES

62

SOBRE OS JURADOS

65

CONTOS

A benzedeira*Jacque Soumelfe*

— Passa. Chite, chite...

Depois de quase perder o fôlego correndo atrás das duas galinhas fujonas, dona Inha conseguiu enfim, colocá-las de volta ao galinheiro. Com sentimento de tarefa cumprida, ajeita o lenço na cabeça, limpa o suor da testa com a gola de seu vestido florido e sai rumo a sua pequena cozinha.

Num canto, perto da janela, o fogão a lenha quase se apagando, lá vai ela colocar mais lenha para aumentar o fogo e começar seu almoço. Aumenta os passos, daquelas perninhas pequenas, arrastando seu chinelo a caminho de sua singela hortinha. Colhe algumas folhas de couve, um chumaço de cebolinhas e salsinhas e não se dando por satisfeita, chega até a cerca e colhe alguns chuchus. Coloca tudo em seu avental, que mais parece uma cesta, segurada pelas mãos calejadas e enrugadas denunciando sua idade, quase oitenta anos de vida.

Cheiro de comida boa exala no ar. Bolinha, deitado ao pé do fogão, com olhos espertos e atentos, acompanha os passos de sua dona; esperando que ao primeiro latido, ela se compadeça e lhe dê algo para comer. Mas ao contrário disso, dona Inha bate o pé no chão e grita:

— Passa daqui, cachorro esfomeado.

Bolinha sai correndo e se deita do lado de fora da cozinha. Seu sossego durou pouco. Ouviu um bater de palmas lá no portão. Igual um risco, correu latindo, para avisar sua dona que tinha gente chamando.

Ao ouvir os latidos, dona Inha fecha as bocas do fogão, para que seu almoço não queime. Ajeita novamente o lenço na cabeça, limpa as mãos em um pano de prato, desamarra seu avental e segue rumo ao portão.

Lá estava Line, uma jovem mãe, acompanhada de seus dois filhos e marido. Vindos da cidade grande a passeio em casa de parentes no interior.

— Olá dona Inha. Que saudades da senhora!

Com sorriso cativante, abraça com carinho a velha senhora. Depois dos cumprimentos, dona Inha leva-os para sala e manda Bolinha sair e se calar.

A sala era o orgulho da velha senhora. Impecavelmente limpa, tinha um sofá marrom de quatro assentos, surrado pelos anos de outrora, coberto com uma colcha de retalhos. Na frente, uma pequena estante com um monte de bibelôs espalhados nos compartimentos e uma velha tv. No meio da sala, uma mesinha de centro antiga com um vaso de flores artificiais coloridas. Nas paredes, alguns retratos antigos, quadros de alguns santos e dois calendários pendurados.

Busca uma cadeira na cozinha e a coloca perto do sofá e se senta para prostrar.

— Line, que dia ocêis chegou?

— Chegamos ontem e iremos embora amanhã. Viemos para o dia de finados para levar flores aos túmulos dos meus sogros.

— É, minha fia, a vida passa rápido demais... Um dia cá istamo e nôtro nós já foi imhora. Já dizia meu finado pai, desse mundão nada si leva a num ser o bem que nós faiz.

Depois de muita prosa, Line diz:

— Viemos para matar a saudade e deixar esses quitutes (cesta básica de alimentos e doces) e pedir que a senhora nos benzesse para tirar as energias ruins.

— Ocêis é um povo bõo demais, família abençoada di Deus.

Em meio aos agradecimentos, dona Inha, pede ao marido de Line, para levar a cesta até a cozinha. Lá, aponta para as cadeiras e pede que a família se sente. Sai e vai até o quintal e pega uns galhos de arruda. Com os galhos nas mãos, começa a benzer. Balbucia palavras que só ela consegue ouvir e junto faz o sinal da cruz. Assim, termina a benção e diz:

— Tinha muita inveja e malôiado na família. Mais Jesus e nossa Sinhôra já tirou tudo do cêis. Agora, vou cuá um café pra nós tomá antes do armoço sair.

Line se levantou, segurando as mãos da velha senhora falou com ternura:

— Obrigada! Mas o café e o almoço ficam para outro dia, quando viermos com calma. Somos gratos com o carinho que sempre nos recebe. Que Jesus lhe dê muita saúde com vida longa e feliz! Fica com Deus.

Line a abraçou com amor e dona Inha com emoção respondeu:

— Vai com ele também minha fia e que nosso sinhô acompanha todos ocêis na volta di casa.

Depois do adeus, dona Inha e Bolinha, voltaram para suas rotinas.

As cores da luz

Cesar Luis Theis

A ansiedade contida naquele momento, segundos de espera que os ponteiros do relógio na parede lentamente arrastam, a insegurança de viver os últimos anos imerso na escuridão, um pensamento de agradecimento emerge antecedendo o desfecho do resultado da cirurgia.

Permaneço sentado à beira da cama quando ouço no corredor passos compassados. Minha mãe comprime sua mão junto à minha e posso sentir os batimentos acelerados do seu coração, um silêncio se mistura à ansiedade paralisante, os passos cadenciados se aproximam lentamente em nossa direção, preparo um nascente sorriso, desses quando recebemos uma visita surpresa de um querido parente distante.

Sinto uma singular fragrância de uma efusão aromática feminina tomar o espaço ao meu redor, ao que parece hoje o doutor não veio sozinho. E mamãe solta minha mão e sinto-a se afastando, ouço um calmo cochichar de vozes, que quebra o silêncio, porém, parece que pretendem negar-me o direito de saber do conteúdo da conversa.

E, então novamente o silêncio, até que uma voz grave e rouca ressoa pelo quarto.

— Carlinhos, chegou a hora, vamos retirar o curativo.

E sinto levemente uma mão sobre meu ombro, enquanto meu pensamento se torna fugidio, e minha imaginação despreocupada com a realidade me faz recordar como fui lentamente perdendo a luz, até a última memória das coisas do mundo que pude presenciar com meus olhos, um arco-íris em um dia de sol e chuva, e depois somente uma permanente escuridão.

E de repente sou novamente puxado para a realidade pela voz grave e rouca do médico.

— Enfermeira, pode começar a retirar o curativo, com cuidado por favor!

Então como anunciou a voz rouca e grave, era chegada a hora. A tesoura vai rangido e partindo o esparadrapo, e um movimento circular se inicia, e vai desvelando a faixa que envolve minha cabeça, aqueles instantes ainda permitiram outro pensamento avulso.

O transplante poderia ter sido bem-sucedido... ou talvez não... mas, só foi possível pela generosidade de um estranho, expressa no ato derradeiro da sua vida. Este, permitiu a doação de córnea, que agora pode me devolver a luz e as cores do mundo, uma semente de humanidade, o altruísmo que mesmo no perecimento da vida faz o ser humano estar para o outro.

E, sou tomado por uma aconchegante tranquilidade, como quem se encontra no interior de um abraço fraterno, enquanto a enfermeira termina de remover a faixa, e as tramas de algodão sobre meus olhos, em seguida a fita, e constato que minhas pálpebras estão livres... e, lentamente vou as abrindo.

Logo, percebo um aconchar-se da escuridão, um suave dissipar da cortina de escuridão, e uma imagem desfocada se revela, enquanto me esforço para manter os olhos abertos, meu olhar consegue alcançar um lumbré amarelado que cruza a janela de vidro, e se espalha pelo quarto... e desloco meu braço até próximo do rosto, e vislumbro a beleza inenarrável do bailar da luz dourada e das sombras na palma da minha mão, criado pelo movimento dos meus dedos, como se a realidade regressasse ao meu olhar.

Enquanto as coisas do quarto preenchiam meu olhar de cores ainda levemente desfocadas, meu coração se desenfreava, e antes que meus lábios pudessem pronunciar qualquer palavra, uma lágrima se constituiu na minha alma, nasceu e correu pelo rosto, indo morrer entre meus dedos, a aproximei, e no interior daquela pequena gota de água salgada iluminada pela luz dourada do final da tarde, inesperadamente se revelou um secreto arco-íris de cores, e neste instante posso divisar que posso novamente enxergar!

E ao envergar o olhar ao rosto da minha mãe que descortina um sorriso que vai metamorfoseando sua face, um sorriso de mãe, desses que marcam o nascimento de um filho, inenarrável as palavras pela presença do sentimento, em uma singular composição de felicidade e ternura.

E desde aquele entardecer dourado no quarto do hospital, voltei a ver as cores do mundo, o verde dos meus olhos no espelho, o vermelho dos lábios, os tons pálidos das manhãs de inverno nas folhas da noqueira no quintal, o pôr-do-sol ao entardecer de outubro... e sem dúvida, existem tantas cores no mundo que meu olhar ainda precisa descobrir.

Fim (ou novo começo).

Cores que sonham

Edis Henrique da Silva Peres

— Quanto tempo depois da chuva nasce o arco-íris, mãe?

— Calma, filho — ela ligou a chama do fogão sob a panela de fritura — agora que começou a chover.

O menino deitou a cabeça sobre os braços cruzados. Ali, no parapeito da janela, sentia o frio da chuva beijar o calor de sua pele. As nuvens furadas gotejavam uma garoa fina e no fim da estrada da vila viu um enorme tronco que parecia um pé; e de repente a verdade se apoderou de si: as nuvens de chuva eram os regadores dos gigantes que moram no céu.

Agora, se olhasse atentamente, poderia ver o contorno dos grandes jardineiros que regavam a terra. Era como sua avó que diariamente aguava o jardim.

Procurou mais provas de sua descoberta, mas os grandes seres se escondiam através das nuvens. Por isso que elas viviam andando pelo céu.

— Por que está rindo sozinho?

— Nada, mãe. Apenas descobri uma coisa.

— E o que foi?

— Não é uma grande coisa, mas é sobre pessoas grandes — deu um sorrisinho satisfeito.

— Pessoas grandes?

Não respondeu. Seus pais não entendiam como o mundo funcionava, preferiam uma coisa que chamava “lógica”.

O ar gélido entrava pelas tábuas de madeira da parede e as gotas barulhavam nas telhas finas. Um trovão ressoou ao longe e Miguel soube que um jardineiro-aprendiz tinha derrubado o regador. Quis dizê-lo que isso era normal, ele sempre derrubava um monte de coisas quando ia ajudar os pais.

Sua mãe colocou as primeiras remessas de bolinhos no óleo quente. A chuva diminuía lá fora, e por uma fresta de grandes regadores cinza-escuro, os feixes do sol alcançaram a copa das árvores. No fim do horizonte, um arco-íris foi riscado no céu. Miguel

saiu correndo de casa. Levantou a bicicleta verde do chão da área e montou.

— Aonde vai filho? Ainda está chovendo!

— Tenho que encontrar os pintores antes que os gigantes voltem com mais água.

— Miguel, que gigantes? E quem são esses pintores?

— Os de arco-íris, mãe. Eu já volto.

Ele começou a pedalar, atravessou a cerca e subiu a estrada que levava à colina antes mesmo que sua mãe pudesse entender qualquer outra coisa. Descia uma enxurrada de lama e Miguel quase caiu da bicicleta quando tentou atravessá-la pedalando. O arco-íris nascia depois da árvore pé-de-gigante.

Precisava encontrar os pintores e perguntar como eles faziam para colorir o céu, como subiam tão alto e pintavam com cores que nunca vinham em nenhuma caixa de lápis de cor ou giz de cera.

Ele desceu da bicicleta. Mas não adiantava o quanto corria, o arco-íris fugia dele. A enxurrada o molhava até os joelhos e seus pés descalços estavam machucados e cheios de lama. Sentia como se os pintores o rejeitassem. A água voltou a pingar dos regadores e o arco-íris se desmanchou.

Uma gota atingiu diretamente seu olho esquerdo e quando ela desceu por sua bochecha as lágrimas a acompanharam até o chão. De cabeça baixa ele voltou, empurrando a bicicleta. Os gigantes queriam aguar muito a terra aquela tarde.

Quando ele passou pela cerca de arame sua mãe apareceu na porta.

— Corre, Miguel, a chuva vai aumentar — ele não correu — Oh, meu filho, não pode sair assim, venha tomar um banho. Os bolinhos de chuva ainda estão quentes.

Ele se trancou no banheiro e estava cansado de passar a escova nos pés. As unhas tinham feito amizade com o barro e estava impossível limpar seus dedos para voltarem a ser o que já não eram. A chuva diminuía, inconstante, e ali estava ele: desistente de encontrar qualquer pintor, qualquer gigante, ou qualquer arco-íris. Ligou o chuveiro e fechou os olhos. Quando os abriu um minúsculo arco-íris se pontilhava logo a sua frente. Ele o tocou e as cores se

desfizeram em sua pele. Afastou as mãos e os tons voltaram. Era magnífico e ele deveria sentir e não tocar, pois isso era magia.

Os pintores tinham vindo até ele! Pulou e sorriu sobre as gotas quentes do chuveiro. Mesmo que ele não os tivesse alcançado, Miguel sabia o que aquele arco-íris ao toque dos dedos significava: agora era um deles. Era finalmente um pintor de arco-íris.

Laços de amor*Liz Rabello*

Sou a filha do meio de um casal como poucos. Meus pais se amavam e não me lembro de brigas, muito menos desavenças por quaisquer razões. Só me vêm às lembranças muito amor, de ambos os lados. Cresci cercada de palavras de afeto e muito agarrada ao colo dele, a seus carinhos de proteção e ao seu jeitinho otimista de me dizer o quanto acreditava em meus sonhos e potencial. Pena tê-lo perdido tão cedo. Era menina quando Deus o levou para morar com as estrelas. Órfã de sua presença física, jamais vivi sem apego espiritual. Por esta razão mesmo adulta eu o tinha em pensamento e coração.

Uma noite, após estudos em grupo, preparação de um seminário, saí sozinha do apartamento de uma amiga da pós-graduação que fazíamos juntas pela PUC. O relógio marcava por volta de dez horas da noite. Oscar Freire, rua pouco movimentada de pedestres, mas com muito trânsito. Havia deixado o carro três quarteirões adiante e fui a pé, sem medo algum, já com as chaves na mão, pronta a entrar e ir ao encontro dos meus filhos, que me aguardavam em casa. Foi então que atônita percebi três rapazes a me cercar. Rapidamente um pela direita, outro pela frente e um se adiantou e me ultrapassou na calçada ficando atrás de mim. Diziam palavras entrecortadas com obscenidades, dando-me a entender que pretendiam algo comigo apavorante. Num repente de defesa, corri para a esquerda, único fragmento de abertura disponível e atravessei a rua em meio ao trânsito, correndo desesperadamente, não sem antes, mentalmente pedir ajuda a Deus: “Pai, me socorre”! O semblante do meu Deus tinha a face de papai. Do outro lado da calçada, um carro claro, da Volkswagen, faróis acesos pronto para sair. Bati nos vidros com toda força que consegui e o motorista abriu a porta. Entrei. Pedi para correr. Não, não pedi, exigi, gritei! Ele me ouviu, obedeceu e só bem adiante é que parou, para me acalmar e, em espanhol, pois nenhuma palavra entendia ou falava em português, tentou se comunicar comigo. Pela lógica dos fatos, mostrando as chaves em minha mão, acabou voltando e me levando até meu carro.

Acompanhou-me um bom pedaço e só desistiu de me ajudar quando observou que não estava mais em perigo. Cheguei em casa muito suada. Tomei meu banho. Um chá. Não conversei com ninguém sobre o fato. Apenas agradei a Deus.

Dois dias depois fui à casa dos padrinhos do meu filho mais velho. Já estava saindo quando minha tia me falou: “Noite passada tive um sonho estranho e rápido. Você atravessava a rua e seu pai a protegia com a mão em sua cabeça”. Nada consegui dizer. Só chorei. O amor tem laços que somente o coração consegue captar.

O vigia

Aline Pascholati

O luar atravessava os portões de ferro entrelaçado, criando imagens distorcidas no chão calçado. No topo, as letras imponentes anunciavam: *Cemitério Municipal*.

Seu José havia atravessado os portões às 18 horas, pontualmente, como fazia há quase cinquenta anos. Durante toda sua carreira de vigia, nunca havia se atrasado, faltado — nem por motivo de doença — ou pior ainda, dormido em serviço. Ele se orgulhava de que ladrões de sepultura nunca se aventuravam na necrópole da cidade, graças ao seu zelo, contentando-se em roubar nas localidades vizinhas. Era daquele tipo de sentinela que quase não existe mais hoje em dia.

O cemitério não era muito grande, o que facilitava o trabalho e dispensava a presença de outros guardas. Um quarteirão abrigava desde os restos mortais dos primeiros habitantes, com túmulos belíssimos das famílias abastadas decorados em mármore, até as modernas sepulturas minimalistas retangulares cobertas de granito, ou somente de tijolos, no caso dos mais pobres. Seu José possuía, inclusive, a sua separada, com instruções precisas sobre a decoração e os dizeres — e dinheiro guardado para realizá-las -, para quando se juntasse aos seus companheiros de longos anos.

Sempre muito ativo, o senhorzinho magro passava seu turno a caminhar pelas ruas e avenidas de lápides. Sabia tão bem seu desenho que nem precisava de lanterna, principalmente em noites de lua cheia como aquela. Às vezes, parava aqui e ali para retirar ervas daninhas de monumentos esquecidos pelos parentes do morto, que, talvez, não estivessem mais eles mesmos entre os vivos.

Pouco depois da meia-noite — o relógio de visor quadrado e pulseira preta de couro chegando ao número 12 exatamente ao mesmo tempo em que os sinos da igreja badalavam, tamanha a meticulosidade do homenzinho -, ele ouviu um barulho vindo do canto mais velho do cemitério.

Seu José se aprumou, esticou o quanto pode as costas curvadas, e seguiu em direção ao local. Não era agora, em final de carreira ilibada, que ladrõezinhos e arruaceiros manchariam sua reputação.

O cenho franzido, andava determinado, os passos, o mais rápido que seus setenta anos permitiam. Mesmo próximo da origem do barulho, não era possível discernir exatamente sua natureza. Não parecia um gato, como frequentemente aparecia por lá. Continuou decidido, a lanterna apagada para não espantar quem quer que estivesse ali e pegar os moleques com a boca na botija, se fosse o caso.

Chegando à Avenida Um, a mais prestigiosa e mais antiga com os túmulos de mármore esculpido, se deparou com uma menina em trajes brancos rendados sentada sobre uma das pedras.

O vigia, enxergando graças à luz da lua com a qual a garota se confundia, viu que o som vinha de seus lábios que entoavam, suaves, uma melodia de outros tempos. Quando ela notou sua presença, levantou os olhos pálidos da flor amarela que segurava distraída e sorriu para o recém-chegado.

— Ah, Clarinha, é você! — exclamou o vigia, ao que a menina sorriu ainda mais.

O idoso sorriu de volta e retornou pelo caminho pelo qual tinha vindo para terminar sua ronda. As mãos nos bolsos, resmungava consigo mesmo, aliviado:

— Pensei que era um vivo, Deus me livre!

A menina continuou cantarolando e admirando sonhadora a flor, enquanto balançava as pernas compridas. Ao seu lado, sob um anjo branco de pedra, as seguintes palavras: Clara Margarida della Speranza *1892, +1904. Saudades eternas, filha querida.

A origem da felicidade*Aline Araújo Siqueira*

O céu parece calmo para quem o vê, mas para nós, fadas dos sentimentos, é uma incessante corrida contra o tempo: pega barril, abre, enche, fecha, voa e vai sem deixar sentimento algum sobrar. A gente até se tromba em meio a este caos e aí vai pó para tudo quanto é lado: mistura de amor com tristeza, raiva com dor... E quem acaba sentindo os efeitos dessa loucura são vocês, pobres mortais.

As regras são simples: “Levar os sentimentos, jamais se revelar e nunca largar o barril”, entretanto, sou nova no ramo. Gosto dos mortais! Eles me instigam e adoro lançar sobre eles o meu pó, que é o da felicidade. Derramo-o mil vezes ao dia em distintos mortais. Sou rápida? Dizem que não e, replico, falando que sou nova nisso. Confesso a vocês que minha lentidão é devida a eu quebrar as regras, separando uns minutos para observar um humano em especial: o garoto da padaria que vive com o avô, feliz por natureza.

Debruço-me na janela da cozinha da padaria e o observo. O garoto pequeno mal consegue olhar sobre a mesa, se lambuza de farinha e açúcar, imitando os movimentos do avô e diz fazer doces — não sei o que é isso, mas faz muita sujeira e todos comem. Intriga-me o mistério da sua felicidade, que já existe quando eu chego e é maior quando eu parto; intriga-me de tal forma que largo o barril para apreciar a beleza do seu sorriso, de tamanha simplicidade.

Certo dia, enquanto o via, de longe ouvi o bater das asas de outra fada. Escondi-me nos vasos de violeta, pois não havia mais tempo de sair sem ser percebida. Era a fada da tristeza, ela despejou seu pó sobre o avô do garoto e saiu. Quando ergui meus olhos vi o avô, ao desligar o telefone, entrar em prantos. Foi tão rápido e tão triste! Não poderia deixar aquilo continuar... Peguei o meu barril, até lá voei e despejei felicidade nele, porém, o choro continuou, então, o fiz novamente e desta vez aumentou. Repeti a dose e num momento de desespero joguei tudo: ele se afogou de vez em seus sentimentos e se calou para sempre. Vi dele sair a áurea da vida e não compreendi o que houve. Depois disso, um grande desespero tomou o local.

Retornei para o céu e ao chegar me deparei com a fada mãe me aguardando. Ela me olhou e disse que tudo viu e sentiu. Ela realmente tem esse poder e de certo não havia como negar os fatos, todavia, revelou o que realmente houve. Parte do que disse eu sabia, porém, a outra, jamais imaginaria. No desespero de me esconder, não percebi que deixei o meu barril perto do vaso e quando a fada da tristeza saiu, ao parar para apreciar as violetas que tem a mesma cor do seu cabelo, levou consigo o meu barril, deixando ali o dela e eu, num gesto desesperado de querer levar a felicidade, matei aquele senhor de tristeza.

Por quebrar as regras fui punida de forma severa: fui incumbida de levar a tristeza. E, como se não fosse o bastante, tinha que levá-la justamente ao garoto da padaria. Assim eu fiz, transformando aquele sorriso em pranto, um dia após o outro. Suas lágrimas mesclavam-se aos doces e eu não aguentava mais continuar fazendo aquilo...

Uma gota saltou dos meus olhos. Translúcida, vi nela o reflexo da minha essência: a felicidade. Foi aí que eu soube o que fazer! Revelei-me a ele infringindo todas as regras. Houve um grande estrondo nos céus e pude ouvir várias asas batendo e vindo em minha direção. Fui rápida como nunca e, vendo aqueles olhos mortais cheios de lágrimas me fitarem, dei minha vida, voando até ele e rasgando-me por inteira. Meu corpo de luz se abriu desintegrando-se e preenchendo todo o local com fagulhas de felicidade, afinal, eu sou a felicidade e dela fui feita.

O mundo, por um instante, parou. Nenhum ser jamais havia visto tal coisa, tal gesto! Logo, ouvi a voz do Universo comovido me presentear com a realização de um último desejo. Sem titubear, pedi que minhas fagulhas fossem eternas e penetrassem em todos os doces do mundo, sendo fonte de felicidade aos humanos para sempre.

E assim Ele o fez e faz até os dias de hoje.

A caderneta verde*Márcia de Oliveira Lupia*

Um começo de manhã tipicamente acinzentado em São Paulo. Marta encontrava-se em um ponto de ônibus de uma das grandes avenidas da cidade, entretida com uma revista de palavras-cruzadas. Após vinte minutos de espera, o ônibus chegou. Sentou-se ao fundo, próxima à janela. Gostava de se distrair vendo as pessoas nas ruas.

Ao olhar para o par de bancos ao lado, também vazios, avistou algo que parecia ser uma agenda verde. Como não havia ninguém por perto, presumiu que algum passageiro tivesse esquecido. Marta levantou-se do banco em que estava sentada e trocou de assento, pegando o objeto esquecido em suas mãos. Viu que se tratava de uma caderneta. Pensou em abri-la para ver se existia o contato do dono. A página inicial estava em branco. Sem dados. Folheando a caderneta viu que existiam muitas anotações e, em algumas páginas, alguns recortes de revistas e jornais.

Nas primeiras páginas existiam tabelas: as primeiras eram relacionadas às de compras de objetos de jardinagem, de cozinha e alguns produtos químicos, com preços e endereços. As páginas subsequentes pareciam transcrições de falas de alguma pessoa em reuniões, entrevistas. As passagens transcritas não eram atribuídas a alguma pessoa. Entretanto, alguns nomes de empresários, políticos, entidades e indústrias apareciam nos recortes.

Olhou pela janela e viu que já estava próxima do ponto em que desceria. Pensou em deixar a caderneta no banco, como havia encontrado. Deixou. Levantou-se e puxou a corda do ônibus para que o motorista parasse na próxima parada. Mirou a caderneta. Virou-se para a porta. Sensação estranha. Passou a desejar aquela caderneta. O ônibus parou. Assim que o barulho da porta do ônibus se abrindo entrou em seus ouvidos, virou-se rapidamente, pegou a caderneta e saiu do veículo.

Na calçada, guardou o objeto em sua bolsa. Caminhou rapidamente ao escritório. Precisava continuar a leitura daquelas anotações. Passou por seus colegas e sentou-se em sua mesa.

Finalmente. Estava ela e a caderneta. Pareciam informações desconexas. Por que estariam lá? Quem seria o dono da caderneta? Como devolvê-la? Essas eram as perguntas que ficaram assombrando Marta. Até que apareceu o primeiro recorte de revista: nele, uma foto com dois homens. Um deles era o prefeito da cidade; o outro, era Miguel Feitosa, o maior empresário do estado. Mais dez recortes e Miguel em todos eles com diferentes pessoas.

As peças do quebra-cabeças estavam se encaixando. Era um plano. Tudo muito nebuloso, até que veio a página com a data de 20 de novembro em destaque, exatamente um mês daquele dia. Junto da data, um itinerário, uma grande quantia em dinheiro, alguns nomes, denominações de armas. Seria um assalto ao empresário!

Marta precisava agir. Pensou em falar com Miguel Feitosa. Desistiu. Como provaria que aquelas informações encontradas eram verdadeiras? Decidiu que falaria com a polícia. Teve medo. A caderneta não tinha nome. Os policiais iam querer investigá-la. Não poderia se calar. E agora? Foi pegar um chá bem quente na copa do escritório para pensar em uma solução...

Era isso! Marta deixaria a caderneta na porta de uma delegacia. No fim do expediente, andou cerca de quatro quarteirões, chegando à porta da delegacia, com a caderneta, deixando-a cair no chão, discretamente.

Foram dias de dúvida acerca de seu plano. Caso a caderneta não caísse nas mãos dos policiais, certamente, Miguel Feitosa sofreria um grande assalto e Marta sabia que o homem corria risco de morte. O medo de um mal-entendido lançou à sorte a fortuna e a vida daquele homem. No dia 20 de novembro, Marta não conseguiu ir trabalhar. Estava tão ansiosa que passou muito mal. Em sua cama, TV ligada, ela olhava para o teto e ouvia a programação. No meio da tarde, alívio: a polícia havia feito uma emboscada para prender a quadrilha que assaltaria e mataria Miguel Feitosa. O delegado, com a caderneta na mão, dava detalhes de como aquele objeto ajudara a ação de sua equipe.

Coisas que cabem no bolso

Gilberto Garcia da Silva

A escuridão chegou aos poucos, incontrolável e sem critério, igual a uma sala muito vasta em que as lâmpadas fossem se queimando uma a uma. Primeiro aquela, depois esta e em seguida a outra ali no canto, até restarem apenas clareiras de luz no espaço antes superpovoado.

As habilidades começaram a desaparecer.

Numa manhã não foi capaz de amarrar o cadarço dos sapatos. Tinha esquecido como se faz.

No dia seguinte as palavras enrolaram dentro da boca e não conseguiu pronunciar o nome da pessoa que ele mesmo trouxe ao mundo e embalou em noites de tempestade, sussurrando velhas cantigas que falavam de amor e misericórdia.

Em outra ocasião presenciou, impotente, a morte de lembranças que até então eram muito vívidas. O que estudara nos anos de faculdade? Em que lugar iniciou a vida profissional?

Na tarde em que se perdeu no bairro, andando em círculos, sem conseguir encontrar o caminho de casa, a família decidiu que era hora de enfrentar a realidade.

Ficou ofendido, no princípio. Ainda se sentia lúcido e forte. Podia enfrentar as agruras da vida — e vencê-las. Não precisava de muletas, garantiu com os dentes rilhando.

Estava enganado. Os detalhes se consumiam pelas margens e corroíam o tecido até chegar ao miolo, comprometendo-o sem possibilidade de recurso. A cada dia algo mais lhe escapava. Mesmo assim, mesmo reduzindo-se o repertório das coisas que permitem a sobrevivência e a tornam suportável, prosseguia respirando e sentindo.

O diagnóstico foi rápido e certo. A doença que engole memórias tinha lhe alcançado. Ele bem tentara correr mais do que ela, mas seus esforços foram em vão.

Houve lágrimas, houve tristeza. Também houve tentativas de contornar o drama.

Mas a família não demorou a compreender a inutilidade dos atalhos. As reuniões de domingo eram sempre frustradas pelo seu olhar vago, distante, alheio. Não compreendia os sorrisos nem os abraços, não sabia por qual motivo lhe agradeciam. Tudo não passava de vultos caminhando de um lado para o outro, sem rumo nem objetivo.

Passavam os dias, aumentava o labirinto, diminuía os pontos visíveis, nos quais ele ainda podia recordar experiências e assim afirmar sua identidade.

Restavam um gesto perdido no tempo, uma frase dita de modo particularmente feliz, um nome que insistia em gravar-se na pedra mole da cabeça, um minuto passado em êxtase. Pequenos trechos da sua longa trajetória.

Não demorou, porém, até que esses pedaços de vida também se perdessem na bruma espessa, cada vez mais densa.

Sobrou, em cima do criado mudo, uma foto no porta-retratos. Uma tarde em que a família se reuniu na praia. Nessa foto ele podia reconhecer o seu rosto, o rosto da mulher que amou, dos filhos que a vida lhes concedeu. Também reconhecia o sol batendo na areia e a água verde espumando na praia. Sem o menor esforço, podia sentir o vento amenizando o calor do sol, enquanto as crianças construía castelos que as ondas logo tragariam, sob o olhar cuidadoso dos adultos.

Nessa altura, aqueles rostos poderiam ser meros borrões e aquele poderia ser um lugar qualquer. Mas, por artes que não conhecia, as horas eternizadas sobre o criado-mudo permaneceram intactas, ao passo que todo o resto se esfumava. Depois do naufrágio, depois que a contabilidade dos dias estava terminada, era aquilo que se salvava. Como se o incêndio tivesse levado tudo embora, poupando apenas o que realmente importa.

Pessoas agora se desdobram em cuidados com os quais ele não parece se importar. Enquanto o fazem, ele agarra o porta-retratos e retira a foto. Coloca-a no bolso do pijama, sobre o coração, e a aperta com as mãos meio entrevadas.

Uma fagulha dispara no centro das retinas. A última clareira na escuridão.

A boa notícia do dia

Fernanda Caleffi Barbetta

Já era a 16ª manhã consecutiva que dona Graça, minha mãe, acordava naquele quarto de hospital. E era a 16ª vez que eu, o Carlinhos, como ela gostava de chamar, acordava ao lado dela. Fazia mais de duas semanas que ela lutava contra uma doença incurável, câncer no pâncreas, estágio 4. Até o terrível diagnóstico, eu nem sabia que doença tinha estágio e muito menos que a conheceria já no último deles.

Naquela manhã, dona Graça fez mais do que acariciar meu braço com ternura, ela me fez um pedido:

— Eu queria te pedir uma coisa, meu filho.

Olhei para ela desconfiado. Dona Graça não era de pedir favores.

— Gostaria que me trouxesse notícias boas lá de fora.

— Notícias boas? — perguntei, num misto de surpresa e ceticismo.

— Sim, meu filho. Sempre tem algo de bom se a gente souber observar. Quero que me conte uma novidade positiva. Uma por dia.

Saí do hospital naquela manhã um tanto incerto quanto à minha capacidade para realizar tal tarefa. Mas eu estava disposto a fazer qualquer coisa para atender àquele inusitado pedido.

Assim que cheguei em casa para me preparar para mais um dia de trabalho, liguei a televisão no noticiário e iniciei a busca pela boa notícia do dia. Foi quando o telefone tocou. Olhei no identificador de chamadas com uma suspeita que logo se confirmou. Era a minha avó. Sem entender porque a vó Gertrudes fazia questão de ouvir da minha boca os detalhes sobre o estado lastimável em que minha mãe se encontrava, eu vinha ignorando suas insistentes ligações. Mas, naquele dia, eu hesitei. Aquela poderia ser a primeira boa notícia. Respirei fundo e atendi. Durante vinte minutos, tivemos uma longa conversa, que começou com respostas monossilábicas e terminou em lágrimas.

No finalzinho da tarde, quando cheguei ao hospital para passar mais uma noite ao lado de minha mãe, contei sobre a conversa com a vó Gertrudes e sobre como ela havia feito bem a ambos. Ao final do relato, dona Graça passou a mão sobre o meu rosto e acenou positivamente com a cabeça, deixando escapar um sorrisinho no canto da boca. Foi quando eu tive a certeza de que a primeira tarefa havia sido cumprida. Com louvor.

No dia seguinte, a boa notícia caiu no meu colo. Saindo para o trabalho, vi uma senhora parada em frente ao meu portão:

— Como estão lindas as cravinas!

Olhando para onde ela apontava, me dei conta de que as flores preferidas de minha mãe já haviam florescido. Como num estalo, tive uma ideia, a qual considerei brilhante. No finalzinho da tarde, assim que cheguei ao quarto do hospital, não só contei a dona Graça sobre o florescimento das cravinas, como a presenteei com um bouquet das flores recém-colhidas. Ela abriu um sorriso, confirmando na hora que minha ideia tinha sido realmente brilhante.

Nos dias seguintes, me mantive na missão. Na quarta-feira, teve notícia sobre a finalização da obra na praça do bairro, com fotos comprobatórias. Na quinta, contei sobre o nascimento dos gatos da minha prima Paola, um acontecimento que considerei bastante providencial e oportuno para a ocasião. Na sexta, eu apareci com uma promoção de sabão em pó no mercadinho da rua. Era quase uma trapaça, mas foi a notícia que mais divertiu dona Graça.

No sábado logo cedo, minha mãe precisou ser sedada, mas eu contei a boa notícia mesmo assim, torcendo para que ela pudesse me ouvir. Era sobre um sonho que eu havia tido com ela naquela noite. No sonho, nós nos abraçávamos. Estávamos felizes.

No domingo, ela acordou da sedação, completamente sem forças. Sabíamos que, provavelmente, aquele seria seu último dia de vida. Então, eu peguei na sua mão, me aproximei do seu ouvido e disse, em tom quase confidencial:

— Eu entendi, mãe. Eu entendi o que a senhora quis me ensinar nesses dias.

Abrindo os olhos com dificuldade, ela me encarou e deixou uma lágrima rolar pelo seu rosto. Era a última.

Depois daquele dia, eu me mantive firme na tarefa que dona Graça me propôs na nossa 16^a manhã naquele hospital. Todas as noites, antes de dormir, eu compartilho com ela, em pensamento, a boa notícia do dia. Porque hoje eu sei que sempre tem algo de bom se a gente souber observar.

Árvore florida

Evalderiany Honorata de Souza

A garota estava sentada embaixo de uma árvore no parque sempre ao fim da tarde. Às vezes ela continuava lá mesmo durante a chuva forte. Não era alguém da vizinhança, pois Pedro conhecia os vizinhos do bairro. Aquela garota era um mistério. Normalmente ela estava de olhos fechados, mas por algum motivo naquele dia, o menino percebeu que era observado enquanto voltava da escola.

O parque se encontrava abandonado, por isso não havia muitas pessoas ali dentro. Era somente a garota misteriosa. Ela acenou o chamando para se aproximar mais da árvore. O pôr do sol alaranjado projetava raios de luz que, ao passarem por entre as flores da árvore, iluminava-a com a luz entrecortada. Uma joaninha pequena caiu no dedo dela.

— Por que você sempre olha para mim? — ela questionou. Sua voz era suave.

— Eu...? — a pergunta pegou Pedro de surpresa — Você me chamou aqui.

Ela deu uma gargalhada leve, encostando a cabeça no tronco da árvore. A brisa leve conduzia a queda das flores lentamente, em meio aos raios de luz, mudando de cor, de acordo com o ângulo. O rapaz se sentou ao lado dela embaixo da árvore e admirou o frescor do momento.

— Você é o Pedro? — a segunda pergunta tenha um tom de tensão diferente da leveza dela.

— Como sabe o meu nome? — ele se assustou.

A jovem de cabelos castanhos quase avermelhados deu apenas um sorriso enigmático. Colocou a mão sobre a cabeça dele, como se medisse sua altura. Ela não parecia interessada em responder aquela pergunta de imediato.

— É um fim de tarde bonito, não? Mesmo quando está frio, ou nublado, ou chovendo, o final da tarde é deslumbrante — ela admirou.

Pedro a observou, admirado pela paz que sentia ao vê-la contemplar o crepúsculo. Então se virou para frente, o astro luminoso já tinha se recolhido e restavam apenas os raios de sol. Era realmente deslumbrante.

— Posso saber quem é você, já que você sabe quem eu sou?

— Sou Flora, uma amiga de infância. Voltei recentemente para esse bairro. Como você me observava pensei que talvez se lembrasse.

Lembrar do quê? Como Pedro poderia ter esquecido uma garota tão legal se tivesse a visto no passado? Observara de longe porque considerava uma cena interessante vê-la sempre debaixo daquela árvore.

— Desculpe, realmente não me recordo de você... — disse.

— Uma chuva de flores coloridas... Nós rodamos ao redor dessa árvore tanto que você caiu e bateu a cabeça. Depois mudei de bairro.

Pedro colocou a mão debaixo do queixo, pensativo sobre os acontecimentos que ela descreveu. Memórias distantes, como um sonho muito antigo de infância. Descoloridas, que ganharam cor na medida em que retornavam.

— Teve uma vez que me machuquei brincando, não recordo de nada além que fiquei internado. Desde então sonhava com flores coloridas... Coisa de criança — Pedro levantou os ombros.

Flora se levantou rapidamente. Antes que ele pudesse perceber, a brisa se transformou num vento forte o bastante para sacudir a árvore florida. Centenas de pequenas flores caíram dançando no ar. Diferentes de quando presas a árvore, essas flores em queda eram coloridas. Havia amarelas, vermelhas, rosas, brancas, lilases, azuis, verdes, roxas... Cada flor tinha uma cor. Pedro esfregou os olhos para ter certeza se não estava num sonho lúcido.

— Seu sonho era assim? — ela perguntou.

Como um choque, as memórias de infância dele retornaram. Sim, recordava agora do rosto de Flora nas brincadeiras antes de desmaiar embaixo daquela árvore.

— Flora... Como você continua com a mesma aparência da minha infância?

Ela sorriu. O vento levantou várias flores coloridas ao redor da garota. Flora começou a desaparecer no ar diante os olhos do atônito Pedro, com o sorriso tranquilo de sempre. Fechou as pálpebras lentamente.

— Simples. Sou o espírito dessa árvore florida — e ela sumiu.

CRÔNICAS

Livros

Viviane Namur Campagna

Eu vendo livros. Livros usados.

O negócio começou há 10 anos.

Meu sogro era um leitor contumaz, enchia a casa de livros, dos mais variados assuntos e idiomas. Minha sogra, sem saber mais onde armazená-los, ameaçava jogá-los fora. Ele se enfurecia. Sempre terminavam brigando. Ele seguia comprando, e foram os livros que lhe fizeram companhia na velhice, quando não podia mais locomover-se e não se interessava mais pelas pessoas. Anotava um horário para cada um dos livros que pretendia ler no dia e quando lhe diziam que tinha que marcar um compromisso ele exclamava: “Não tenho horário, estou com a agenda cheia!”

Quando ele morreu, ela mudou de ideia, já não queria mais desfazer-se dos livros. Achava que ele iria ficar bravo com ela, de onde estivesse. Convenci-a de que ele ficaria feliz ao ver seus amados livros circulando pelo mundo, sendo lidos, ao invés de ficar mofando dentro de armários.

Assim nasceu meu sebo, vendendo, a princípio, os livros do sogro. Além de render uns trocados, me permitiu armazenar livros, sem culpa nem brigas. E revelou-me um mundo de histórias e descobertas interessantes ao longo dos anos

Descobri que havia lugares no Brasil que nem sabia que existia, para onde os livros passaram a ser enviados: Formiga, Treviso, Quixadá, Antonio Carlos, Bandeirantes, Vitória de Santo Antão, Cabrobó do Norte, quem sabe onde ficam? Mais curioso é quando o endereço vem com a recomendação: ao lado da farmácia, em cima do posto de gasolina, entregar na padaria....

Descobri que as pessoas muitas vezes doam livros que sequer tiveram a curiosidade de espiar, estão intactos, provavelmente recebidos em datas festivas ou comprados no lançamento de amigos e parentes. Pelas dedicatórias, vou inferindo as histórias: “para a querida Ana, espero que este livro te ajude a entender melhor meu

trabalho (acho que Ana não entendeu!), “Maria, já que você gosta de champanhe, resolvi comprar um livro que conta a história da mesma” (pelo visto, Maria preferiu continuar só bebendo), “para o grande amor da minha vida” (que, parece, acabou)... Dentro dos livros, muitas vezes fotos, bilhetes esquecidos, revelam mais um pouco de algo ou alguém que foi deixado para trás...

Já o tipo de livros que as pessoas compram também é curioso. Além dos livros didáticos, que os pais compram para tentar economizar um pouco na longa lista de material escolar (e que muitas vezes são devolvidos, intactos, no ano seguinte) os campeões de venda são os de autoajuda, religião e esotéricos. Me ocorre que em tempos difíceis as pessoas buscam apoio em si mesmas, num Deus maior ou em forças sobrenaturais. Títulos como “Em busca do sentido da vida”, “Libertação interior”, “Amores que nos fazem mal”, “Tenha medo... e siga em frente!” ou “Resgatando o cristianismo”, “Os judeus e a modernidade”, “Respostas de Deus para problemas complicados”, estão entre os top 10. Os esotéricos têm títulos intrigantes: “Terapia de vidas passadas”, “Muitas vidas, muitos mestres”, “Nossas forças mentais”, “O poder da cura psíquica” ou “Tudo o que uma jovem bruxa precisa saber”.

Também livros pedagógicos são muito procurados. Tudo começa com a alegria de “Vamos ter um bebê” ou “O que esperar quando você está esperando” e termina com a dura realidade de “SOS Babá!”, “Nana nenê” ou “Socorro, meu filho não quer comer!”

Seja qual o motivo, uma coisa é certa: com toda a revolução tecnológica, o livro continua tendo seu lugar no mundo, seja como fonte de conhecimentos, resposta a indagações existenciais, inspiração, ajuda, conforto, ou simplesmente um presente que, espera-se, seja especial.

O livro é mágico, nos leva através do tempo e do espaço, nos conectando com outros universos reais ou imaginários.

Meu sogro, homem sábio, sempre soube disso!

O velhinho que vendia doces*Lauro Schneider*

O carro começou a circular cedo na cidade, numa manhã comum de terça-feira, convidando todos para um sepultamento. Seria mais um anúncio, se não fosse sua singularidade e o vínculo que me ligava a ele. Para que todos pudessem saber quem havia falecido, o locutor acrescentou ao anúncio: *O velhinho que vendia doces!* No momento da despedida, com o corpo presente, o pastor ressaltou esse detalhe, pois, pelo nome do falecido ninguém reconheceria, mas o velhinho que vendia doces, esse, sim, todos saberiam!

Todos passam pela vida e, conscientes ou não, deixam um rastro pra trás. Alguns, rastro de flores e alegrias; outros de espinhos e tristezas. Com seus docinhos, meu pai também deixou seu rastro, ao partir.

Recordo que muitas vezes ouvia a mãe dizer: *Ele não vende nada. Ele doa tudo pros outros!* Não me importava com isso porque não atinamos pra certas coisas que julgamos serem pequenas, quando na verdade são maiores do que imaginamos. Aos poucos, comecei a ouvir relatos de amigos, falando com emoção, de como era gostoso o encontro com meu pai. Pra eles, ele representava a alegria.

Nesta vida, cada um é feliz do jeito que gosta. Nem todos compreendem por que alguém passa uma vida fazendo determinada coisa, quando poderia fazer algo maior. Meu pai sempre gostou de vender. Vendia frutas ao lado do antigo Mercado Municipal, no centro da cidade, onde ficou conhecido como o Artista, porque só ele conseguia levantar uma enxada pela pontinha do cabo. Com o fechamento do mercado, foi para a pracinha, vender suas frutas, doces e requeijão. Até tentou ir para o novo mercado, mas, sem sucesso, começou a vender seus doces na rua. Foi uma necessidade que se transformou em prazer. Com o passar dos anos, ele envelheceu e os filhos cresceram. Não tinha necessidade, mas insistia em ir para a rua. Já bem recente, acometido por uma enfermidade, ninguém o segurava em casa. Por vezes, conversávamos com o médico, que dizia: *se ele ficar*

parado, morre. E ele sabia disso. Questionado pela filha, do risco de estar na rua, além do constrangimento da família, disse: Se eu morrer ali, na rodoviária, morrerei feliz!

Assim, ele ficou conhecido como o velhinho que vende doces. No final, não era mais questão de vender, mas de estar ali, fazendo o que gostava, sendo feliz. Muitos compravam todo seu estoque, na esperança de que ele fosse pra casa. Puro engano. Reabastecia e voltava. Era seu compromisso diário, sagrado, sua vida.

E, na sua simplicidade, ele me definiu o sentido da vida: viver! E viver era ser quem ele era: o velhinho que vende doces!

Em vida, pude lhe dizer que o amava e passar bons momentos com ele. Ao final, ele foi vencido pela enfermidade. Foi muito doloroso o seu sofrimento. Mas ele encontrou seu descanso eterno no dia que ele tanto gostava, 7 de setembro. Como disse minha irmã, ele nos deu tchau. Se foi. Na verdade, não foi. As pessoas que amamos só morrem mesmo quando os esquecemos. O amor tem essa capacidade de nos unir para além da eternidade. Ao final, quando tudo o que nos cerca acabar, é o amor que permanecerá, e todas as ações motivadas por ele, por mais simples que sejam, como vender e doar doces, com a alegria de fazer alguém feliz, sendo feliz também.

O velhinho que vendia doces não está mais entre nós, fisicamente. Mas o homem que o construiu permanece, no seu exemplo, persistência, força, garra e amor pela vida. Gosto de dizer, que meu pai era como árvores, que morrem em pé. Desde o tempo em que iniciou seu tratamento e tudo que passou, teve a ventura de não ficar mais de um mês verdadeiramente parado. Nos últimos vinte dias, se arrastava, querendo ir pra rua, ficar com seus doces debaixo do pé de manga, na cabeça da ponte principal, do qual ele muito se orgulhava em dizer que o plantou, bastante tempo atrás! Hoje, com o pé de manga, fica pra nós, família e amigos que o amamos, a doce lembrança do velhinho com seus doces, a quem tive a honra de chamar de pai!

Do caos ao refúgio

Isabella dos Santos Mendes

Saí de casa apenas para fazer mais um trabalho acadêmico, pensei, mais um entre tantos outros. O tema era "refugiados", tema forte e difícil em meio ao caos que o mundo presencia. Chego mais cedo, encontro um amigo e colocamos umas cadeiras na calçada. Logo depois chega André, cansado com o trabalho, mas sorridente como sempre. Ele senta e começa a contar do seu dia no lixão do Caju.

André Amaro é uma história. Saiu de seu país por sobrevivência, mas ser refugiado não o define mais. Ele fugiu em meio à guerra da Angola porque era obrigado a lutar nela. Antes de ser refugiado, Amaro era estudante e sonhava em cursar engenharia.

E que belo engenheiro teria sido se não fossem os homens armados recrutando meninos nas escolas para lutarem pelo país. Homens maus, roubaram futuros.

Amaro pensou em fugir e foi na primeira tentativa que descobriu que o mundo não é tão amigo. Seus documentos foram roubados por um conhecido que iria ajudá-lo, mas esse se fez de André Amaro e pediu refúgio na Alemanha. Talvez lá não fosse mesmo seu lugar, quisera Deus que o jovem angolano, hoje um senhor, viesse parar no Brasil, mais precisamente na Favela da Maré.

Amaro morou de favor, trabalhou, se apaixonou e se juntou. Mas, se assustou quando percebeu que os outros angolanos que lá viviam, foram recrutados agora para outra guerra, dessa vez o tráfico de drogas, "angolano" já era usado como gíria para quem sabia atirar bem. Viu a violência crescer, tendo que se esconder. Amaro vira novamente refugiado, agora dentro de outro país. Guerra má, não deixa criar raiz.

Ele trabalhava em uma obra, o mais perto que conseguiu de chegar do sonho da engenharia, trabalhava com garra, até ter problemas de saúde. André foi internado por três meses com crise nos rins, passou por um transplante, foi encostado pela empresa. Mas como a vida de qualquer um, as contas não param de chegar em casa,

uma delas, o aluguel. Três meses sem pagar aluguel, o desespero bateu. Ele se comprometeu a pagar tudo que devia e deixar a casa, foi o que fez. A esposa o acompanhou, na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza e não precisaram de papel para provar isso. Os dois foram juntos morar em barracos de uma invasão. Juntos. Amor bom, crê, espera e suporta.

Tempos depois, o governador inaugurou um conjunto habitacional na Zona Oeste da cidade, ainda sem luz e esgoto, segue de novo Amaro para ocupar outro espaço, mas, dessa vez para ficar. Vinte anos. Com dois filhos e esposa, Amaro trabalha durante a semana inteira no Lixão do Caju. O homem que fala inglês, francês e é bom em matemática. Vida dura, exige o pão de cada dia.

Só sabe sorrir e reclama por vezes com o filho "para de soltar pipa, vá estudar", com o sotaque ainda forte, apesar dos anos aqui. Diz sentir falta de casa, da família que nunca mais viu, se preocupa com a arma que deixou embaixo da cama antes de fugir. Destino duro, destrói lares.

Lembra bem do pai, da mãe, dos filhos que lá deixou. André veio com o sobrinho para o Brasil, mas seguiu sozinho, até formar nova família e, enfim, um novo lar. Porto seguro, do caos ao refúgio.

A categórica do 501

Roberto Klotz

Foi ela que terminou o relacionamento doentio com um homem que só queria sexo. Queria sexo todos os dias, de manhã e também à noite. Aos domingos só saiam da cama para as refeições. Assim amou durante dois anos. No terceiro, ela cansou. No outros seis meses apenas suportou. Depois, foi à revelia. Finalmente, odiou o marido.

Afirmava que homem não servia para nada. Seria capaz de se virar sozinha.

Separou-se e foi categórica: homem nunca mais.

Mudou-se para um confortável apartamento de três quartos.

Martelou sozinha para pendurar quadros na parede. Botou a máquina de lavar roupas para funcionar. Dispensou ajuda para instalar o computador. Foi difícil, mas colocou o pesado micro-ondas na altura do olhar.

Passado meio ano, continuava invicta e convicta. Não queria companhia. Nem gato, nem cachorro, muito menos passarinho.

É bem verdade que passou alguns momentos de fraqueza, quando viu o filme do Russell Crowe na tevê.

Para espantar a solidão, mais de uma vez preparou uma tigelona de brigadeiro e compartilhou com a vizinha do 502, solteirona radical.

Nunca mais explicou a importância de levantar a tampa do vaso nem reclamou de toalhas molhadas na cama ou dos sapatos jogados na sala. Sentia-se uma mulher feliz. Completa.

Até que um dia... Sempre chega o dia em que aparece um vidro de geleia que precisa da força masculina para ser aberto.

Aconteceu num sábado em que estava se arrumando para ser madrinha no casamento de uma colega de trabalho. A sozinhas e os doces de chocolate acrescentaram alguns centímetros à sua silhueta. O vestido com um enorme zíper nas costas, comprado há dois anos era o único adequado à cerimônia. Era negro, prateado e decotado.

Sóbrio, elegante e sensual. E apertado. E com zíper nas costas. E já estava tarde.

Devidamente penteada e maquiada, colocou o vestido, subiu o zíper até onde conseguiu e calçou os sapatos de salto alto.

Olhou— se no espelho, apertou o vestido contra os volumosos seios. Mesmo sem ver o fecho éclair, sabia que ele estava estacionado na altura dos quadris e aguardava a vez de ser içado.

A vizinha do 502 seria a salvadora.

Apertou a campainha.

O homem que atendeu a porta era do tamanho de um gladiador.

Explicou que a irmã viajara e que ele estava ali para cuidar do cachorro.

Nem pense você, que a solteira saiu da clausura ou permitiu qualquer gracinha. Apenas pediu que ele fechasse o vestido e saiu correndo para o compromisso.

Durante a festa sentiu-se solitária. Não brindou nem dançou porque estava sem par. Voltou cedo para casa porque alguém precisava abrir o vestido.

Reviravoltas

Carlos José Ferreira Lopes

Eros! Hoje reconheço meu nome, mas se voltarmos o tempo em um ano, Eros não faria sentido algum. Há um ano eu estava na rua, com frio e fome, minha mãe não tinha condições de cuidar de tantos filhos, éramos cinco irmãos, e vendo aquela dificuldade, resolvi sair e pedir ajuda pelas ruas da cidade. Eu era o menor da família, tinha muito medo, mas era curioso. Ouvi alguém dizendo que o mundo era enorme e cheio de oportunidades para um ser destemido. Superei meus medos e saí em busca de uma vida melhor.

Como já disse, passei fome, senti frio e sede, fui desprezado, quase atropelado e prestes a me tornar um morador de calçadas. De rua não! Porque morar na rua seria suicídio, na rua tem carros e motos. Hoje já consigo fazer piadas com meu recente passado.

Minha vida mudou mesmo quando conheci o casal Carlos e Christiane, eles se comoveram com minha situação e resolveram me ajudar. Eles me levaram para casa, me alimentaram, me limparam, cuidaram das minhas feridas e me deram uma coisa tão boa e que até então eu não conhecia. Uma coisa chamada amor, o nome é pequeno, mas como é bom.

Em pouco tempo me senti parte da família. Família! Como estaria a minha?

No início pensei que seria só por uma noite, que eles iriam se cansar logo de mim. Senti medo de me devolverem para a rua, e que aquele acolhimento seria só um sonho passageiro. Então comia e bebia a maior quantidade possível e me fartava de amor e carinho tanto quanto era permitido.

Os dias se passaram e ouvi Carlos falar em adoção, e que seria bom aumentar a família. Minha expectativa em ser adotado cresceu muito, como estava alegre. O tempo passava rápido, e dia após dia ouvia os dois conversando, arrumando as papeladas, fizeram todos os exames que eu precisava, e até ganhei um cartão de vacinas com meu nome e uma foto. Agora é oficial, sou parte da família, tenho uma

casa para chamar de lar e dois humanos para chamar de donos. Hoje sim reconheço o nome Eros como meu, e sou o gato mais feliz do mundo.

30 minutos

Ivone Gomes de Assis

O lugar era esquisito e a situação também. Mas foi justamente em um hospital que você veio ao meu encontro, tão iluminada, tão angelical, tão dependente. Era como se o sol só brilhasse sobre nós. Não era um encontro de saudades passadas. Era algo muito superior. Minha vida acabava de tomar um novo rumo. Era, sem dúvida, um acontecimento sublime e inexplicável.

Você mal entrou em minha história e eu já a amava mais que a mim. Estava completamente apaixonado por aquele “pedacinho de gente” que era você.

Agora, e talvez por toda a vida, moraríamos sob um mesmo teto. Ao contrário do que muitos dizem, para mim, foi a maior e melhor experiência que já tive. Era incrível.

O tempo passou e cada palavra soprada por teus lábios era motivo de orgulho para mim. Meu desejo era de apresentá-la ao mundo todos os dias. Passamos a viver intensamente cada experiência.

Porém, o sistema foi se encarregando de implantar em nossos corações alguns blocos de ciúmes, de intrigas, de intolerâncias, de incompatibilidades, até que as bocas emudecidas só foram capazes de escarrar o silêncio.

Com essa morbidez, sem explicação, alimentei meu orgulho ferido, que só foi capaz de me roubar momentos preciosos da sua companhia.

Quantas vezes eu a vi com seus namoradinhos, e, por pura covardia, não me pronunciei. Será que eu estava sendo traído pela vida ou apenas respondendo pela minha omissão? Quantos não foram os almoços que fizemos, sentados à mesma mesa, embebidos de total silêncio?

Por algumas vezes, você até quis levantar um assunto, na tentativa de quebrar o gelo que nos amordaçava, mas, eu, tolo, preferi a indiferença.

Até que um dia, descobri que as flores, quando não cuidadas, morrem.

Meu coração acelerou de uma forma tal que parecia sufocar-me. Era um desejo imensurável de lhe dizer “Eu te amo”; “Você é a razão do meu viver” e tantas outras frases que estavam engavetadas em minha alma, aguardando apenas o momento em que estivéssemos frente a frente, e olhando-nos olho a olho, para que confessássemos nosso amor singular, cúmplice, imensurável, que sempre existiu, mas que, por capricho, nós o aprisionamos.

Peguei o carro e dirigi-me o mais depressa que pude ao seu encontro. Pelo caminho fui lembrando das nossas brincadeiras, dos nossos planos, dos nossos passeios lado a lado, das nossas conquistas e, principalmente, do dia em que eu a vi pela primeira vez, naquele hospital, tão frágil e tão linda. Eu precisava lhe dizer tudo isso com o brilho do olhar.

Parei no semáforo, o celular tocou. Atendi. Do outro lado, uma voz masculina confirmava meu nome. Deu-me um endereço, e eu segui, de imediato, para lá. Ele tinha algo muito emergente e importante, para me dizer a seu respeito, e tinha que ser pessoalmente. Demoraria um pouco, porque era na direção contrária da qual eu estava indo, o trânsito estava congestionado e a distância não era pequena.

Por ironia ou coincidência, era um hospital. Cheguei o mais rápido que pude.

O homem aguardava-me na entrada. Aproximei-me dele para interrogá-lo, mas nem deu tempo, ele estendeu o braço e calou-me com uma folha pintada com letras, que diziam: “Eu o amo, sempre o amei. Apesar de a vida ter me arrancado muitas oportunidades de dizê-lo a você. Sei que vai ler estas palavras em um momento em que eu estarei ausente, e que meus braços já não terão forças para apertar seu corpo contra o meu, em um abraço. Também meus olhos não poderão brilhar, confirmando a veracidade destas palavras. Mesmo assim, você terá a certeza do meu incondicional e incomparável amor por você, meu querido pai”.

Abracei aquele moço de jaleco branco e meu pranto se encarregou da pergunta.

Só ouvi: “Foi há 30 minutos”.

Bobi me salvou*Cláudio David Dangió*

Tinha eu dez anos de idade. Morava em uma rua de terra. Nesse tempo, muitas casas tinham cerca de balaustres ou de galhos de leiteiros — arbustos que se encontram em grande quantidade no cerrado — amarrados com arames farpados. Devido à precariedade dessas cercas, os cachorros daquela época viviam mais nas ruas do que trancafiados nos quintais.

Havia um morador da mesma rua, distante sete casas, conhecido como seu Gregório. Policial militar, sisudo, com aparência de bravo. Não sei o porquê, mas, para mim, naquele tempo, quase todo militar tinha ares bravios. Ele era criador de uma raça de cão de grande porte e de pelagem amarelada por todo corpo. Mesmo com a busca atual na internet, nunca mais vi cães daquela raça, nem mesmo sei o nome dela.

O cão reprodutor, de nome Bobi, era o mais conhecido da rua, tanto pela molecada quanto pelos vira-latas. A meninada ficava em êxtase no momento em que ele era solto ou escapava pelas frestas da cerca. Era robusto, bonito e brincava com qualquer ser humano, porém, para os vira-latas e gatos, ele era o terror da rua, dando “carreirão” nesses animais. Assim como seu dono, para nós daquela rua, Bobi era o soldado bravo, mas somente para os cães e os felinos.

Próximo de nós, penso que uns quinhentos metros, morava um amigo meu de nome Luizinho, cuja idade era igual a minha. Sua mãe era verdureira. Ela combinava com a minha mãe para que eu e Luizinho vendêssemos verduras e legumes pelos bairros mais próximos, fazendo, assim, companhia um para o outro, melhorando a nossa segurança pois ainda éramos crianças. Dessa forma, saíamos pelas ruas empurrando uma carriola de pedreiro cheia de hortaliças.

Aconteceu que, em uma de nossas vendas, atrasamos o retorno e chegamos ao escurecer do dia, causando assim preocupações para nossas mães. E o pior, eu ainda tinha que voltar para minha casa. Entre a casa de Luizinho e a minha só havia

caminhos de picada pelo mato ou trio, como dizia naquela época, não havendo casas e nem iluminação entre nossas residências. A mãe de Luizinho fez o meu pagamento, que não era em dinheiro e sim uma sacola cheia de verduras e legumes. Eu não gostava, minha mãe adorava. Ainda antes de eu ir para casa, a mãe de Luizinho perguntou se eu não tinha medo de voltar sozinho. Respondi que não — fui criado ouvindo que homem não chora e não tem medo de nada -, mas a verdade é que eu estava morrendo de medo da escuridão e do matagal, mesmo assim encarei a empreitada da volta. A caminho de minha casa, muito assustado, vi ao longe a silhueta de um cachorro grande. Pensei: “É o Bobi!”. Dei um chamado misturado com assovio e ele atendeu prontamente.

Que felicidade! Não senti mais medo. Bobi segurou em minha mão com a boca. Algumas vezes a soltava e dava uns latidos de alegria, e voltava a abocanhá-la. E foi assim até chegarmos ao portão da minha casa. Meu cachorro Bandique, um dos vira-latas da rua que tinham medo do Bobi, não apareceu para nos receber. Já minha mãe perguntou quem me trouxera. Respondi: “Foi o Bobi!”. Ela deu um sorriso desdenhoso não acreditando naquilo, porém quando viu a sacola com legumes e verduras sorriu “arreganhadamente”. Assim é o ser humano: primeiro o pão, depois as outras preocupações: segurança, estudo, saúde...

Seu Gregório, já falecido, soldado sisudo com aparência de bravo, nunca mais saiu da minha mente.

Já Bobi, esse sim, vive nas minhas lembranças segurando minha mão...

Chocolate

Rodrigo Ortiz Vinholo

— Você viu o preço dos ovos de Páscoa?

— Ai, Deus. De novo não, André.

— "De novo" o quê, Marta?

— De novo você vai começar a reclamar de ovos de Páscoa.

Todo ano é a mesma coisa.

— E cada ano que passa, piora! Os ovos...

— Eu sei, eu sei. Os ovos ficam menores e o preço, maior. Todo mundo sabe, André!

— Isso não te revolta?

— O que me revolta, meu amor, é você reclamar dos ovos de Páscoa todo ano. Todo ano faz como se fosse novidade, como se estivessem começando a fazer isso agora. É muito chato!

— Eu nunca disse que é novidade, só me revolto que isso piora a cada ano!

— Sim, e todo ano você reclama mais disso.

— E todo ano eles inventam mais moda com os ovos de Páscoa!

— Você já parou pra pensar que as pessoas estão comprando ovos mesmo assim? Que é por isso que as fábricas continuam fazendo ovos de Páscoa?

— É claro! Isso é porque as pessoas são trouxas! São emocionais! Elas são parte do problema! Deviam aceitar que, se é pra dar chocolate, é muito mais fácil comprar em barras. Sai bem mais em conta!

— Mas o problema não é só chocolate, criatura! Elas gostam dos ovos, da embalagem, dos bombons que vem dentro ou brinquedos. As pessoas gostam de coisas bonitas, André. De coisas especiais, de presentes.

— E uma barra de chocolate não é presente?

— É, mas é um presente que você pode dar em qualquer dia do ano!

— Mas essa é a época de dar chocolate, deveria ser mais prático...

— André, faz assim: não compra os ovos de chocolate. Ninguém tá te obrigando a comprar. Ninguém vai colocar uma arma na sua cabeça e falar “compra aí esse ovo de chocolate ou eu mato você e sua família.”

— Ah, Marta, mas aí você tá forçando a barra! É claro que sou obrigado! E as convenções sociais? E as tradições? Se eu não compactuar com esse tipo de coisa, mesmo contra a vontade, vou virar um pária! Já imaginou as crianças da família? Já imaginou o pessoal do escritório? Esse ano eles fizeram um “Amigo Ovo”! É tipo um amigo secreto, mas de ovo de chocolate, e não vale dar barra! Não é um absurdo?!

— Ué, eu achava que você se orgulhava de não participar desse tipo de coisa. Não era você o revoltado das datas comerciais?

— Eu sou, mas também não consigo ser o tempo todo, exatamente por conta da pressão social. A sociedade está tão doente com esses ovos que se eu não participar, vão me cobrar! Vão me punir! Posso perder uma promoção, um bônus! Perder respeito!

— E você se importa com isso, agora?

— Claro que me importo! É tipo um contrato social!

— Bom saber, então. Vou cobrar.

— Como assim, “cobrar”? Você quer um ovo de Páscoa, agora?

— Quero, ué. Se é pra seguir as tradições, se as pessoas podem te cobrar e punir, vou pedir o meu, também!

— Pô, Marta! Justo você? Você é minha esposa, deveria me apoiar, não me apunhalar nas costas.

— Tarde demais.

— Não, vamos conversar. Você sabe como isso pode pesar no orçamento, não tá fácil... Não somos o resto da sociedade, podemos ter nossos próprios acordos, nossos próprios costumes...

— André, eu tenho cara de trouxa? Você não me deu nada de aniversário de casamento exatamente com esse papinho!

— Você disse que não precisava!

— Eu disse, porque você passou dias a fio reclamando que aniversários eram coisas arbitrárias, até que eu me cansei e disse que não queria. Mas eu queria que você entendesse que quando eu disse que não queria, era só pra agradar você! As pessoas gostam que as outras mostrem algum esforço!

— Puxa, Marta.

— Pois é! E se você for lembrar bem, eu te dei de qualquer maneira uma camisa nova.

— Achei que era só porque as minhas estavam muito velhas.

— Isso também, mas era originalmente um presente de aniversário de casamento!

— Tá, desculpa. Entendi.

— Que bom.

— Me diz uma coisa.

— Oi?

— Isso quer dizer que você vai querer um presente no Natal?

— SIM, ANDRÉ! ISSO QUER DIZER QUE EU VOU QUERER UM PRESENTE NO NATAL!

— Tá bom, tá bom!

— Por acaso você estava pensando em não comprar presente de Natal para mim, este ano?!

— Eu só pensei que em janeiro a gente poderia aproveitar muito mais coisas com desconto!

— Eu não acredito, André.

Café com leite

Camila Fernandes

Conheci Mariana antes dela se mudar para Minas. Garota de personalidade forte e gênio difícil — tudo isso que a gente costuma dizer sobre mulher que não abaixa a cabeça pra ninguém. Jornalista e, nas horas vagas, ilustradora. Paulista orgulhosa, nascida e criada entre os prédios da capital. Já o Bernardo eu conheci na Vila Madalena, quando a Mari resolveu apresentar o seu namorado pra gente. Bernardo morava longe, e mesmo assim os dois resolveram arriscar um namoro à distância. Mariana, mais afeita a viagens, já tinha ido visitar o moço lá na cidade dele algumas vezes. Para a nossa turma ele ainda era um mistério, nosso amigo imaginário. “Bernardo? Eu só ouço falar” a gente cantava para ela, de pirraça. A Mari não ligava, ria junto. Até que um dia ela apareceu no barzinho trazendo o Bernardo pela mão.

Gostei do cara, assim, logo de cara. Meio tímido, mineirinho, com aquele sotaque forte do interior. Os erres muito puxados, a mania de engolir o final das palavras, aquele monte de diminutivo terminado em “im”: pertim, gatim, sozim. Gente boa, boa pinta, bom de papo. Ele acabou se enturmando com o pessoal e foi se soltando depois da primeira dose. Contou histórias de Minas, da fazenda dos avós, da faculdade de Direito. Bernardo queria ser defensor público, e a Mari dizia que ele andava comendo os livros para isso. Achei bonito a dedicação dele. Aquele amor por uma causa, a vontade de defender os fracos e oprimidos, isso aí que a gente chama de consciência social. Achei muito bonito, só não entendia como é que ele dava tão certo com a Mariana.

A Mari adorava o ritmo apressado de São Paulo, a correria da redação, os plantões no fim de semana. Aquele tipo de gente que não sabe ficar parada. O Mineirim (não teve jeito, o apelido pegou) gostava de casa, da comida da mãe, e de cozinhar pros amigos. Com três anos de namoro, ainda se perdia no metrô. Ele, que chamava tudo de trem, vivia pegando o trem pro lado errado. Mariana bebia café

preto, puro. Bernardo, café com leite. Ela adorava uma cervejinha, ele gostava era de cachaça. O Mineirim tinha três cachorros. Ela, um peixe beta no aquário — que tinha sido batizado de Rimbaud em homenagem ao poeta, mas o mineiro só chamava Rambo.

Quando a gente se via em São Paulo, os dois estavam sempre arrumando uma viagem. Ou dela pra Minas ou dele pra cá, ou para algum canto no litoral do Brasil. Se tem uma coisa que mineiros e paulistas têm em comum é esse hábito de ir à praia sempre que dá. Enquanto isso, o pessoal fazia apostas para saber quem ia ceder primeiro. Alguns achavam que o Mineiro viria morar em São Paulo para descobrir como funciona o metrô. Eu soube que ele andava fazendo muito concurso para cá, qualquer hora seria chamado. Outros diziam que a Mariana ia se render aos encantos de Minas Gerais, e à comida da sogra. A Lú jurava que eles iam largar tudo e mudar para Floripa. O Mineirim com seu escritório, a Mari trabalhando em um jornal. Essa brincadeira rolou durante alguns anos, enquanto o namoro dos dois ia ficando mais sério, e as viagens mais frequentes. Apesar de amar São Paulo, eu estava apostando em Minas Gerais, com seus queijos e doces, suas montanhas e cidades históricas.

No fim das contas, ninguém ganhou nada.

Mariana largou a redação e foi ser professora universitária em Minas, em uma cidade de nome familiar, entre os morros e casarões. Hoje, ela corre da sala para o estúdio, porque desenhar deixou de ser passatempo e virou profissão. E o Mineiro tanto fez que virou juiz. Veio morar em uma cidade do ABC, casou com uma promotora. Outro dia eu esbarrei com ele ali na Paulista, “pertim” do metrô, tomando um café preto.

A vida tem dessas coisas.

Atrás da porta

Charlotte Dafol

Casa de madeira. *Clic!* Roupas penduradas. *Clic!* Senhora varrendo. *Clic!*

Um menino correndo... Não deu tempo.

Passou por mim e sumiu.

A rua silenciou novamente.

Clic!

— Aqui é minha casa!

Eu sentia que ele não estava longe.

Uma porta abriu discretamente atrás de mim, deixando aparecer uma cabecinha de moleque.

Fiz de conta que eu não estava vendo e continuei tirando fotos.

Depois de um bom tempo me observando, ele perguntou:

— Você é menino ou menina?

Dei um tempo antes de responder. Não esperava essa pergunta, apesar de já ter passado muitas vezes por essa situação com outras crianças.

— O que você acha?

Ele encolheu os ombros e foi sumindo de novo atrás da porta, como se tivesse falado alguma coisa errada. Ele devia ter sete ou oito anos. Baixei a máquina e olhei para ele sorrindo, deixando claro que estava tudo bem, que eu não estava ofendida.

— Sou menina.

Então, ele botou de novo a cabecinha para fora, agora mais seguro e curioso... avaliando a minha resposta...

E não ficou satisfeito.

— Então, por que é que você tem o cabelo curto?

— Porque eu cortei, ué!

Sacudiu a cabeça com ar muito sério.

— Não pode.

— E por que não?

— Porque se você é menina, tem que ter cabelo comprido!

Não respondi nada. Voltei à minha tarefa, mascarando com a câmera a confusão dos meus pensamentos.

Ele também encostou a porta para se esconder... Mas logo abriu de novo... E fechou. Abriu. Fechou. Abriu:

— E por que é que você usa roupa de menino?

— Eu uso roupa de menino?

— Tá usando!

— Isso aqui que é roupa de menino?

— É!

— Nossa! Eu nem sabia!

A minha ironia não teve muito sucesso.

— Você é menina! — disse ele, agora com cara de bravo — Tem que usar roupa de menina!

— Sei lá... Eu uso as roupas que eu quiser... E o cabelo que eu quiser...

Sem eu mesma perceber, acabei me aproximando bastante dele, e parando bem na entrada da casa.

Ele brincando com a porta e eu do outro lado, focando no seu olho escuro...

Abriu. Fechou.

Abriu. Fechou! Abriu... *CLIC!*

— Ei!

— Tirei!

Eu ri, feita criança. Ele fingiu que não achava graça, mas também não abandonou a brincadeira. Como se ela fosse parte da nossa relação.

Ele abrindo a porta lentamente... Mirando no meio do objetivo... Deixando à vista apenas um fiozinho de rosto... E fechando num susto!

Abriu... .. Fechou!

Abriu... .. e deixou aberto... justo na largura da pupila...

Então, ele falou assim, bem baixinho:

— Eu também gosto de usar roupa de mulher.

Flores ao vento

Edweine Loureiro

Deus é haicaísta! Se não o fosse, como explicar a poesia contida em uma pequena flor de cerejeira?

Sim, sei que iniciei esta crônica amparando-me em um conceito monoteísta. Não obstante, ainda que eu citasse uma série de deuses, o milagre seria o mesmo: o do magnetismo das flores que, durante os meses de março e abril, reúnem os japoneses ao redor de uma árvore, em um ritual conhecido como “hanami”.

A palavra, originada da aglutinação de um substantivo (hana = flor) e um verbo (miru = olhar), tal qual o ritual em si, já alia beleza e simplicidade; uma vez que a pureza de um olhar é tudo o que basta para compreender-se a magia do espetáculo que são as flores levadas pelo vento e espalhadas nas gramas de um parque — em um bailar fascinante como só a Mãe Natureza pode nos proporcionar.

E, enquanto as flores dançam com o vento, os espectadores no parque congregam-se brindando à vida. Pois o hanami é também uma grande festa, na qual os japoneses, em geral um povo mais voltado ao trabalho que aos lazeres, extravasam a alegria.

Uma alegria que, em 2002, residindo em Osaka, também contagiou a este estrangeiro que vos escreve. Lembro-me bem: era uma tarde de domingo, e meus colegas de universidade convidaram-me a um parque próximo ao “kaikan” (nome dado à residência de estudantes) para vermos juntos as “flores da cerejeira”. Confesso, envergonhado, que, naquele momento, veio-me um pensamento desprovido de qualquer sensibilidade poética: “Mas que chatice! Ver flores?...”. Acabei indo, no entanto, atraído mais pelos olhos verdes de uma colega polonesa do que propriamente pelo tapete cor-de-rosa que, gradativamente, começava a cobrir a grama do parque.

Não demorou muito, porém, para que as cervejas e a desilusão amorosa — a polonesa preferiu um colega turco — abrissem espaço neste coração partido para a beleza que verdadeiramente merecia registro naquela tarde dominical. De modo que comecei, entre um

gole a outro, a fixar-me nos movimentos das flores no ar. A tal ponto que somente fui despertado de meu estado de embriaguez (em sentido lato) quando um colega panamenho, delicadamente, despejou sobre mim um resto de cerveja quente.

E, quando o mesmo panamenho teve a gentileza de guiar este ébrio de volta ao alojamento, desabei na cama, despertando somente na manhã seguinte (felizmente, não havia aulas naquela segunda-feira). Mais tarde, lamentei o meu descontrole etílico: pois, se estivesse sóbrio, meu primeiro hanami certamente inspiraria a criação de um poema. Talvez até mesmo um haicai...

Também é possível, claro, que eu não conseguisse escrever haicai algum na ocasião. Ou caso o escrevesse, insatisfeito com o resultado, provavelmente eu rasgaria a folha de papel para, em seguida, jogar os pedaços ao vento. Quem sabe assim, dançando com as flores da cerejeira, meu haicai mal feito viesse a transformar-se, um dia, em uma razoável crônica. Ou não.

SOBRE OS AUTORES

Aline Araújo Siqueira nasceu em São Paulo, é bacharel em *design* digital e desenvolve trabalhos criativos na agência de publicidade em que é cofundadora, dedicando-se também, em paralelo, aos estudos de construção de narrativas, roteiros e da língua portuguesa.

Aline Pascholati é artista visual, escritora e historiadora da arte pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne (França). É fundadora do *Artrianon*, um site sobre cultura, e do *Art Insider*, um canal sobre arte no YouTube. Já publicou os livros *Paris com pouco dinheiro* e *FRANCE – C’est Magnifique!*, e participou da antologia de contos *Sem/Cem Palavras* da Editora Bestiário/Class.

Nascida em Minas Gerais, **Camila Fernandes** é jornalista e escritora. Entre seus trabalhos publicados estão o conto “Mariana, ao Mar” e a crônica “Samba & Amor”, inspirada na música de Chico Buarque. Apaixonada por cinema e literatura, assina também o Blog Estanteante, portal que fala sobre diversidade e representação no mundo do entretenimento.

Carlos Lopes, nascido em Viçosa/MG, psicólogo e professor de artes marciais. Casado com Christiane Duarte e pai de Giankarllo e Nikollas. Escreve desde jovem, por ter em mente que essa é a única maneira de se tornar imortal. Possui vários poemas publicados e o sonho de publicar um livro.

César Luis Theis é professor-pesquisador, licenciado em História/Informática, escritor, fotógrafo amador e cineasta entusiasta, apaixonado por viajar e café, desde a adolescência fez da escrita sua fiel companheira, reside atualmente em Guarujá do Sul/SC. Discente no Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: cesartheis@yahoo.com.br.

Charlotte Dafol é fotógrafa, cineasta, autora, violonista e cantora. Nômade na essência. Ativista no sangue. Nascida em Paris em 1987, teve seu primeiro contato com a língua portuguesa aos vinte anos, na ocasião de um intercâmbio voluntário em Porto Alegre (RS). Formada em História na capital francesa, mudou-se definitivamente para o Brasil em 2013.

Cláudio Dangió nasceu em Bauru/SP. Membro da Academia Bauruense de Letras. Publicou quatro livros de contos, crônicas e poesias. Produziu e apresentou o programa “Rancho Cultural”, com música, prosa e fogão, veiculado por uma TV local. Vencedor do prêmio “Cataratas 2015” da cidade de Foz do Iguaçu, Paraná - categoria poesia, com o poema “Lázaro, o Cerrado e a Profecia”.

Edis Henrique da Silva Peres é estudante de jornalismo e apaixonado pela sedução das palavras. Quando não está perdido nas páginas de algum livro, está escrevendo suas próprias histórias. A literatura para ele tem o poder de desvendar o invisível e criar universos.

Edweine Loureiro é amazonense, bacharel em Direito pela Universidade do Amazonas; mestre em Política Internacional, pela Universidade de Osaka (Japão). Primeiros poemas aos quinze anos, publicou “Sonhador sim senhor!” aos 25. Aos 32 participou do primeiro concurso literário. São mais de 350 premiações no Brasil, Espanha e Portugal, entre outros. Sete livros publicados. O mais recente, “Gotas Frias de Suor”.

Evalderiany Honorata de Souza tem 21 anos e escreve romances desde 2011. Em 2015 publicou seu primeiro livro em plataforma *online*, e no ano seguinte também. Recentemente participou de antologias de contos em temáticas de romance, ficção e fantasia. Ler e escrever histórias a inspiram cotidianamente.

Fernanda Caleffi Barbeta é paulistana, jornalista, autora dos romances Futuros Roubados e Passados Revelados. Seu trabalho também pode ser visto no *site* www.entreverososeprosas.com.br e em antologias, como Poesias Esquecidas, Casa Literária; Mundo de Esopo, Olympia; Flores Raras, Ideias, e Museu de Memórias, Oito e Meio, entre outras. Em 2019, um de seus contos foi selecionado no Prêmio VIP de Literatura.

Gilberto Garcia da Silva é paranaense de Cascavel. Mora em Praia Grande/SP. Atua como Juiz do Trabalho em Volta Redonda/RJ. Publicou o livro “Ao persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado”, pela editora All Print. Mantém o *site* www.gilbertogarciadasilva.com.br, onde divulga seu trabalho.

Isabella Mendes estuda Jornalismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Aspirante a escritora de contos e crônicas, amante da literatura, das boas histórias espalhadas pelo mundo. Lutadora incessante dos direitos das mulheres e do acesso à educação para todos. Em exercício de ser boa ouvinte para, então, ser boa multiplicadora de vozes e histórias.

Ivone Gomes de Assis é escritora brasileira.

Jacque Soumelfe nasceu em Uberlândia, 17 de setembro de 1970, Minas Gerais, Brasil. Casada, mãe e avó. Poemas publicados, em antologias, “Camarinhas de Poesias II” Assis Editora; “Poesia Agora –2018” Editora Trevo; “A Feminina”

Assis Editora. Outros no antigo “Jornal Correio de Uberlândia *online*” no “Escreve ai” Ivone de Assis e “Revistas Logos e Eisfluências” de Lisboa /Portugal.

Lauro Schneider é mineiro e mora no ES, como esposo, pai de tempo integral e Teólogo. É autor do Livro Luteranismo Brasileiro. Valoriza tudo que é humanizante e, no mundo das artes, é um eterno aprendiz, que encontra o sentido da vida no simples ato de viver, fazendo o que gosta e gostando do que faz.

Liz Rabello é de SP. Suas marcas de idade denunciam o riso fácil. É graduada em letras, pós-graduada em literatura moderna, gramática da língua portuguesa e mestre em comunicação e semiótica. Poetisa, contista, cronista. Trabalhou na área de educação, como coordenadora pedagógica, alfabetizadora e professora de português. Tem publicados oito livros solos, dois cordéis e participou de mais de sessenta antologias.

Márcia de Oliveira Lupia nasceu em São Paulo, é graduada em Letras e mestre em Linguística, com estudos voltados à área do Discurso, da Memória e da Identidade. Atualmente, encontra-se vinculada ao quadro dos servidores da Universidade Federal do ABC/SP. Atua na área do ensino de línguas e de gestão de pessoas. É membro da Academia Contemporânea de Letras.

Roberto Klotz. Publicou o didático Manual do escritor; contos e crônicas em *Pepino e Farofa; Quase pisei!* e *Cara de crachá* e os infantis: *A bruxinha que queria ser fada* e *O monstro na caixa azul*.

Ministra oficinas literárias. Conquistou mais de 40 prêmios. Realizou concurso literário nacional, patrocinado pelo FAC, de onde resultou, também, uma antologia de contos.

Rodrigo Ortiz Vinholo é publicitário, jornalista, escritor e pessoa estranha. Site: rodrigoortizvinholo.com.br.

Viviane Namur Campagna é psicóloga, livreira. Escreve por *hobbie*. Publicou o livro "A identidade feminina no início da adolescência (Casa do psicólogo, 2005). Venceu duas vezes o concurso literário Ben Gurion, do clube A Hebraica, com as crônicas "Meu pai" e "Submarinos".

SOBRE OS JURADOS

Elisa Maluf Hueb:

Psicóloga e mochileira das galáxias.

José Marcos Dias Pereira:

Ciclista e administrador.

Lóide Vieira da Paixão:

Psicóloga.

Magno Augusto Machado:

Geólogo, MSc, fotógrafo e leitor de tudo.

Natan Ferreira:

Radialista, advogado e escritor.

Patrícia Mussi Sarkis:

Arquiteta e urbanista.

Paula Francinetti Cavalcante:

Cabeleireira.

Sheila da Costa Oliveira:

Professora.

**Obra confeccionada exclusivamente para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2019.**